



## **Reflexões sobre os regimes totalitários a partir da obra *A Revolução dos Bichos***

**Gabriel Vincenzo Dias Chiqueto**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, SP, Brasil.

**Maicon José Fortunato**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Presidente Epitácio, SP, Brasil.

**Resumo:** Por meio de uma sátira, o livro *A revolução dos bichos*, de George Orwell, tece críticas aos maiores regimes totalitários do século XX. Hannah Arendt produziu vários escritos que tentam explicar a natureza destes regimes e como a sociedade europeia foi capaz de produzir a tragédia do Holocausto. Em diferentes registros, ambos os autores se dedicaram a tentar compreender e criticar o fenômeno político do totalitarismo. Este artigo propõe uma análise entre a obra ficcional de George Orwell e as contribuições filosóficas de Hannah Arendt acerca dos regimes totalitários, em especial, as reflexões produzidas no capítulo “Ideologia e Terror: uma nova forma de governo”, do livro “Origens do totalitarismo”.

**Palavras-chave:** Totalitarismo. Hannah Arendt. George Orwell.

**Abstract:** Through satire, George Orwell's book *Animal Farm* critiques the major totalitarian regimes of the 20th century. During her lifetime, Hannah Arendt produced numerous writings attempting to explain the nature of these regimes and how European society was capable of producing the tragedy of the Holocaust. Considering that, albeit in different registers, both authors dedicated themselves to understanding and critiquing the political phenomenon of totalitarianism. This article proposes a analysis between Orwell's fictional work and Arendt's philosophical contributions regarding totalitarian regimes, particularly focusing on the reflections presented in the chapter *Ideology and Terror: A New Form of Government* from the book *The Origins of Totalitarianism*.

**Keywords:** Totalitarianism, Hannah Arendt, George Orwell.

## ORWELL E A OBRA FICCIONÁRIA “A REVOLUÇÃO DOS BICHOS”

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu na Índia Britânica, no dia 25 de junho de 1903. Era filho de um funcionário público e sua mãe era filha de um comerciante francês. Aprovado no *Elton College*, escola de elite, ali permaneceu entre 1917 e 1921, graças a uma bolsa de estudos. Ele faleceu vítima de tuberculose, em Londres, Inglaterra, no dia 21 de janeiro de 1950. Foi sepultado na Igreja Anglicana *All Saints' Churchyard*, onde a lápide identifica somente “Eric Arthur Blair”, sem mencionar seu pseudônimo.

O prestígio literário de Orwell se consolidou com a publicação de “A Revolução dos Bichos” (1945), uma brilhante fábula satírica que descreve a revolução produzida por animais em uma granja para reprimir a violência e tirania do seu proprietário, Sr. Jones. Como informa Hitchens (2007, p.115), a ideia central do livro está em evidenciar as contradições do mito soviético para, assim, “[...] reviver o movimento socialista”. Deste modo, Orwell constrói um enredo em que animais são explorados pelos homens, para ilustrar, de maneira muito semelhante, como a classe proletária é explorada pelos burgueses. O livro inicia com os animais ouvindo o discurso do porco Major, que aparenta sabedoria, ao idealizar o modo como os animais deveriam viver. A sabedoria de Major está em revelar o ideal de libertação dos animais, mas, para isso, eles precisam seguir a máxima: “O homem é o nosso verdadeiro e único inimigo” (Orwell, 2007, p. 12). Inspirados nos ideais do porco Major, que falecera logo no início da história, os animais, liderados pelos porcos, iniciaram a revolução, que consistia em expulsar os humanos da granja e organizarem uma comunidade de animais. Com a revolução em andamento, três porcos, Napoleão, Garganta e Bola-de-Neve, considerados os mais inteligentes, se comprometem em organizar os ensinamentos de Major. Isso culminou em um sistema de pensamento chamado “animalismo”. Organizados e inspirados pelos princípios do animalismo, os animais expulsam o fazendeiro Jones. Logo após, ao assumirem a posição de líderes da nova comunidade, os porcos decidem expressar as ideias do animalismo na construção de sete mandamentos. Com os animais reunidos e bem administrados, a granja começa a prosperar. Conseqüentemente, a revolução dos bichos cria um estado de desconfiança entre os fazendeiros vizinhos da Granja, que temem por revoltas similares em suas propriedades. Na tentativa de

conter o avanço do animalismo, eles tramam uma contrarrevolução, mas sem sucesso.

Grande parte da narrativa do livro se desenvolve em torno da construção de um moinho, que gera inúmeros conflitos entre os personagens líderes da revolução, Bola de Neve e Napoleão. O moinho se transforma em um elemento simbólico, ao longo do livro, que expressa a possibilidade de emancipação dos animais, já que garantiria o menor esforço e a maior produção de alimentos. Todavia, a dinâmica entre os bichos se altera, quando Napoleão, a fim de usurpar o poder sobre a granja, passa a criar e treinar nove cães que, em determinado momento, são usados para perseguir e expulsar Bola de Neve, sem que os demais animais tomassem qualquer atitude diante deste evento. Assim, Napoleão toma o poder para si e estabelece uma nova relação política. Napoleão é o único líder vigente, trabalha engrandecendo sua imagem para doutrinar os animais e as próximas gerações. Sua ascensão se assemelha aos quadros históricos de líderes populares que se transformam em autoritários e sanguinários. Os cães são usados por Napoleão como uma força militar para protegê-lo e para pôr medo nos animais. O personagem Garganta, um porco que é o braço direito de Napoleão, usa da persuasão para disseminar mentiras, alterar eventos passados, transmitir as ordens de seu líder e lembrar aos animais que Jones pode voltar a qualquer tempo, caso eles contrariassem as decisões do novo líder. Enquanto isso, as ovelhas usam de seu balires para inibir qualquer manifestação individual e coletiva de questionamento e descontentamento diante do autoritarismo de Napoleão. O resultado disso é a domesticação e o comportamento robótico do restante dos animais, que passam a aceitar a “verdade” de Garganta e das ovelhas e a trabalhar várias horas sem descanso.

Um outro personagem central do livro é Sansão, um cavalo de tração forte, porém carente de inteligência. É a figura de inspiração para os animais. Ele trabalha todos os dias e obedece fielmente ao seu líder. A figura de Sansão é tecida por Orwell para expor a imoralidade dos líderes autoritários. Durante a construção do moinho, o cavalo de tração se acidenta e isso interrompe a construção (obra idealizada para supostamente melhorar a vida dos animais na granja). Os porcos, ao verem que Sansão, mesmo tendo se curado, não ia voltar a trabalhar, decidem descartá-lo para o carnicheiro, pois ele iria gerar muitos custos. Demonstrando frieza e indiferença a um dos membros mais fiéis, os porcos comemoram a morte do virtuoso cavalo Sansão, com uma caixa de bebida que recebem do carnicheiro.

Vários anos se passam, a memória sobre os eventos que levaram à ascensão de Napoleão se torna cada vez mais apagada, apenas alguns animais se lembram de como era a vida antes da revolução, mas não é possível fazer uma comparação, pois Garganta sempre acabava com esses pensamentos com estatísticas e dados falsos que mostravam um “avanço” muito grande na qualidade de vida dos animais. “De certa maneira, era como se a granja estivesse rica sem que nenhum animal houvesse enriquecido, exceto é claro, os porcos e os cachorros” (Orwell, 2007, p. 102).

Os porcos, com o tempo, alteram os princípios dos ideais revolucionários do animalismo, distorcem os antigos ideais do velho Major e, por fim, realizam o último ato de corrupção e de degeneração, que é mudar o mandamento da igualdade. Agora “todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros” (Orwell, 2007, p. 106). Desse modo, a suposta luta por emancipação e por uma comunidade mais justa e fraterna se dissolve. As vicissitudes humanas também consomem os porcos que, assim como os homens, passam a andar sobre duas pernas. Esse gesto sintetiza uma das críticas centrais do livro, a saber: a similitude entre humanos e porcos, de tal modo que a degeneração transforma os porcos corrompidos em humanos, bem como os humanos em porcos.

## **O REGIME TOTALITÁRIO SEGUNDO HANNAH ARENDT**

Hannah Arendt ou Johannah Arendt nasceu no bairro de Linden, em Hannover, Alemanha, no dia 14 de outubro de 1906. De ascendência judaica, mudou-se com a família para a Prússia quando tinha três anos de idade. A partir de 1924, Hannah ingressou na Universidade de Marburg, onde foi aluna de Martin Heidegger. Em 1928, se doutorou em Filosofia na Universidade de Heidelberg, com a tese “O Conceito de Amor em Santo Agostinho”. Em 1933, quando Heidegger aderiu ao Nazismo e se tornou o primeiro reitor nacional-socialista da Universidade de Freiburg, Arendt se afastou da Filosofia para lutar pela resistência antinazista. Após ser presa pela Gestapo, resolveu deixar seu país natal. Hannah passou por Praga e Genebra, até chegar a Paris, onde permaneceu durante seis anos trabalhando como assistente social atendendo a crianças judias expatriadas.

Em 1940, casou-se com o professor de História da Arte, o filósofo Heinrich Blücher. A ocupação da França pelos nazistas fez com ela fosse para os Estados Unidos, onde fixou residência. Em Nova Iorque, foi diretora de pesquisas da Conferência sobre as Relações Judaicas, mas teve que esperar vários anos para

retornar ao trabalho universitário. Em 1951, Hannah naturalizou-se americana. Nesse mesmo ano, publicou “Origens do Totalitarismo”, obra que a tornou conhecida e respeitada nos meios intelectuais. Nesta obra, Arendt se esforça em compreender as causas do totalitarismo na Europa, para que tal calamidade não se repetisse. Em sua análise, o totalitarismo seria o resultado, principalmente, de dois fatores cruciais que são o “antissemitismo” e o “Imperialismo”.

Sobre o antissemitismo, cumpre destacar que se trata de uma aversão e repulsa aos povos de origem judaica. Arendt, ao analisar como estes ódio e repulsa foram construídos na sociedade alemã, além dos fatores étnicos que estão associados à noção de eugenia, neste caso, à superioridade racial alemã, havia também uma questão política que, em certa medida, fora produzida pelos próprios judeus. O fato de o povo judeu não ir atrás de plenos direitos políticos após o fim das cortes aristocráticas os tornava vulneráveis a esse preconceito, uma vez que eles não tinham mais valor para o Estado alemão. Sob esse aspecto, o teórico Fry argumenta que o grande erro dos judeus foi não ter lutado por plenos direitos políticos. No período das monarquias alemãs, os judeus mais abastados trocavam favores com cortes aristocráticas, oferecendo empréstimos e riquezas. (Fry, 2010, p. 25).

Este problema se intensificou com a divisão interna na própria comunidade judaica na luta por seus direitos, parte abastada dos judeus na Alemanha tentavam escapar do estereótipo de ser judeu, de modo que renunciaram suas identidades. De acordo com Arendt (2012), ao não pensarem em termos de direitos iguais e ao aceitarem favores e privilégios especiais, os judeus abastados não asseguraram um futuro político mais estável. Tal problema foi acentuado com o surgimento do Estado-nação e com a queda das monarquias, dado que o valor material dos judeus para o Estado já não existia (Fry, 2010, p. 25)

Acerca do imperialismo, Arendt (2012) sustenta que ele é a base do totalitarismo, pois se trata de uma política que defende a conquista do mundo através de uma ideologia racista, na qual determinados grupos são moralmente considerados superiores ou inferiores. Além disso, Arendt (2012) argumenta que, por meio das políticas do imperialismo e do neocolonialismo, a classe burguesa conseguiu se tornar emancipada da aristocracia, na medida em que ampliou o acúmulo de riquezas e o aumento do seu poder. Este processo marca a mudança das aristocracias políticas para o modelo do Estado-nação, no século XIX. Tal

alteração no cenário político afetou negativamente os judeus europeus, já que eles perderam o papel estratégico que ocupavam em financiar as aristocracias europeias.

Além de perderem o *status* social que possuíam, com o advento do nacionalismo, que estava prestes a eclodir e, “[...] dado que os judeus não estavam ligados a uma pátria e eram ‘sem raízes’, tornou fácil justificar o tratamento diferente que lhes era dispensado” (Fry, 2010, p. 29). Cabe destacar que, neste período, os movimentos pan-nacionalistas ganharam legitimidade por parte das massas que não se sentiam representadas pelo poder do Estado. Eles defendiam a superioridade de um grupo mediante a escolha ou origem divina e, por volta dos anos 1920 e 1930, estes movimentos promovem o antissemitismo intencionalmente na Alemanha, o que refletiu no desejo de erradicação desse povo por parte da população alemã.

O resultado dos dois fatores (antissemitismo e imperialismo) produziu, na perspectiva de Arendt (2012), um novo tipo de formação política para o século XX, distinta das formas de autoritarismo e tiranias já existentes (Fry, 2010, p. 31). Para a pensadora, o fenômeno político do totalitarismo está centrado na dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera de vida (Arendt, 2012) de modo que o totalitarismo transforma as classes sociais em massas, substituindo a identidade subjetiva e de grupo pela adesão a um movimento uniformizado (Arendt, 2012). Outro componente deste regime está em se tratar de um autoritarismo que se distingue das tiranias por ser “uma forma de governo cuja essência é o terror e cujo princípio de ação é a lógica do pensamento ideológico (Arendt, 2012, p. 632).

Quanto a estas duas categorias centrais do totalitarismo, cabe destacar que, a ideologia (geralmente baseada em uma utopia), quando bem difundida pela educação e propaganda, opera dividindo o mundo em forças hostis, de modo que a melhor opção para a população é aceitar o regime instalado e se tornar submisso a ele. O governo totalitário apresenta ao mundo um rosto falso e fundamenta sua ideologia em uma conspiração global que não pode ser confirmada. A propaganda reforça a ideologia e nem sequer se importa se os membros acreditam na propaganda, contanto que a capacidade de distinguir a diferença entre verdade e falsidade seja abolida da sociedade (OT 385). Ocultando-se o mundo exterior dos fatos, “[...] os membros vivem em um paraíso de tolos de normalidade”, rodeados de simpatizantes (OT 368)” (Fry, 2012, p.35).

Neste caso, até mesmo atitudes contra os direitos humanos perpetradas pelo regime são aprovadas, uma vez que o chamado estado de guerra em que se

encontra as justificariam. Diferentemente de um autoritarismo, a ideologia é algo que se coloca acima de qualquer coisa, até mesmo do próprio líder, embora a sua figura seja importante, pois esta sociedade o verá como um “messias” que irá salvá-los desse mal externo e conduzi-los a uma vida plena. Assim, o povo passa a obedecer ao regime e a seguir as vontades do líder que executará a ideologia. Neste processo, esta sociedade se torna “massa”, que pode ser moldada, cortada e sacrificada.

O terror é uma ferramenta muito importante, pois é ele que fomenta o estado de guerra. O terror age de forma muito mais abrangente do que em um regime autoritário convencional, no qual se constrói o medo das massas ao soberano. Já no regime totalitarista, o medo é do inimigo mais cruel que o próprio estado totalitarista e, para a sociedade escapar deste inimigo, é necessário que eles trabalhem em prol do regime totalitarista para que ele destrua por completo este inimigo. Arendt (2012) destaca que o terror se intensifica através do mal que o “inimigo de estado” representa. Assim, o modo como a projeção deste mal é capaz de desestabilizar a suposta ordem social, constitui a natureza do terror. Outro elemento importante na compreensão desta categoria é o fato de que a determinação do inimigo (mal) a ser combatido não é um ato arbitrário do soberano autoritário, ao contrário, o que define qual grupo social será perseguido e considerado um perigo ao Estado é a evidência das “forças da natureza ou da história” (Arendt, 2012, p. 620). Neste caso, o terror é como a expressão da lei natural, não se move segundo as nossas vontades, mas segundo o seu próprio funcionamento. Ele tem em si a sua razão de ser e independe da vontade humana. O que o governo totalitário faz é compreender esta lei e acelerar o seu processo de consumação:

Na prática, isso significa que o terror executa sem mais delongas as sentenças de morte que a Natureza supostamente pronunciou contra aquelas raças ou aqueles indivíduos que são ‘indignos de viver’, ou o que a História decretou contra as ‘classes agonizantes’, sem esperar pelos processos mais lerdos e menos eficazes da própria história ou natureza (Arendt, 2012, p. 620-621).

Tomando esta condição, podemos identificar, no caso da Alemanha nazista, por exemplo, o terror projetado contra a comunidade judia através da lógica do antissemitismo que, fundamentada no darwinismo social (na suposta lei da natureza), reconhecia na raça judia um risco à superioridade racial ariana. Esse risco, desestabilizador da ordem social, impulsiona a sociedade alemã, aqui reduzida à mera massa, à adesão irrefletida ao regime nazista.

## **ANÁLISE COMPARATIVA: A OBRA DE ORWELL, O PENSAMENTO DE ARENDT E O REGIME TOTALITÁRIO**

Na abordagem realizada entre a ficção “A revolução dos bichos” e o pensamento de Hannah Arendt, foram evidenciados, através de analogias, alguns paralelos que revelam o modo como a literatura de Orwell permite refletir e expressar conceitos filosóficos acerca do fenômeno do totalitarismo. Sob este aspecto, destacam-se:

1. Major e a utopia: no início, o porco Major sonha com uma sociedade utópica característica fundamental dos regimes populistas. No sonho, os animais da granja são ricos e livres, e a figura do homem é abominada: “o homem é o nosso verdadeiro e único inimigo”. O sonho de Major se faz muito necessário para a obra, pois ele é a base revolucionária, é o plano a ser alcançado pelo qual os animais dariam a vida. O problema surge quando esse sonho é usado como ferramenta de manipulação pelos porcos. É chocante como uma revolução de nobres ideais sofreu uma metamorfose e se transformou em um regime altamente autoritário que explora seus próprios semelhantes. Esta parte da obra nos permite compreender como a ideologia e os discursos radicais de movimentos totalitários podem ser utilizados para manipular as massas e para convencê-las a aderir a determinados projetos políticos que colocam em risco a própria ideia de civilidade.

2. A eliminação da oposição: o perfil totalitário da política adotada na granja começa a ser construído a partir dos impasses entre Napoleão e Bola-de-Neve, que possuem ideias diferentes e em parte divergentes. Napoleão, com sua ganância pelo poder, cria e treina nove cães que, em determinado momento, são usados para perseguir e expulsar Bola-de-Neve da granja, e para matar animais que pudessem demonstrar ou exercer qualquer tipo de oposição. Episódios de expurgos são frequentes, o primeiro deles se dá quando Napoleão ordena que seus cães ataquem seu adversário político Bola-de-Neve, que consegue fugir. O segundo deles, mais evidente, se encontra no capítulo sete, em que os porcos tentam alterar o papel de Bola-de-Neve na “Batalha do Estábulo”. Napoleão, vendo que os animais não estavam aderindo à história, ordena que os cães ataquem. Eles pegam quatro porcos que, anteriormente, haviam protestado contra o líder e os obriga a confessar crimes na frente dos animais. Após isso, as feras os degolam. Então, Napoleão,



“com uma voz ameaçadora, perguntou se algum outro animal tinha qualquer coisa a confessar”. Após esta fala, inicia-se um genocídio contra os animais.

3. Militarização: após Napoleão separar os nove filhotes das duas cadelas da granja, criá-los, treiná-los e acabar com o problema da oposição, eles se tornaram seus guardas particulares. É com os cães que Napoleão mantém a maioria dos animais sob controle. Para qualquer tipo de dúvida ou pensamento revoltoso, é necessário apenas o rosnar dos cães. Nesse sentido, os cães simbolizam o uso da força policial e militar para fins bélicos e de controle social. Os regimes totalitários, além de manipular as massas, constroem forças paramilitares a fim de perseguir e aniquilar toda força de resistência e oposição.

4. A figura do líder: não é difícil perceber quando se estuda a Revolução Russa que a figura de Napoleão representa, na realidade, o líder Stálin. Todavia, Orwell faz uma crítica mais ampla que pode ser identificada em muitos outros autocratas como, por exemplo, Adolf Hitler, na Alemanha, Benito Mussolini, na Itália, ou até mesmo Getúlio Vargas, que governou o Brasil durante o período ditatorial conhecido como Estado Novo. Frases de reverência e mistificação do líder político aparecem constantemente no livro de Orwell. Os animais, em obediência e adoração, dizem com frequência: “Napoleão tem sempre razão” ou “Graças ao camarada Napoleão” que “nunca” erra e sempre é certo em suas decisões. Nos regimes totalitários, a adoração ao líder é um elemento político fundamental. Ele é o único capaz de ocupar o lugar de liderança, não tendo espaço para qualquer concorrente. O líder é revestido de certa onisciência e infalibilidade: é transformado em um mito.

5. A manipulação das massas: Garganta e as Ovelhas têm um importante papel na história: eles disseminam mentiras entre os animais, alteram eventos passados, transmitem as ordens de Napoleão e, o mais importante, incitam nos animais o medo da volta de Jones para que eles vejam o regime como a melhor saída para tais medos. Frases como “E se Jones voltasse camaradas?!” são frequentes no livro. As Ovelhas, por sua vez, usam de seus balires ou, em um contexto humano, o poder do grito para acabar com as dúvidas restantes e qualquer pensamento reflexivo. O resultado disso é o comportamento massificado do restante dos animais em adorar Napoleão como seu líder, aceitar a falsa verdade de Garganta e das Ovelhas e amar a Granja dos Bichos, ao mesmo tempo, odiando inimigos externos como os humanos e Bola-de-Neve. Vale destacar que, para as referências históricas, é possível que Orwell tenha criado o personagem Garganta

pensando no ministro da propaganda, como Joseph Goebbels. O fato é que o personagem do livro possui um espaço reservado para o que podemos denominar de manipulação da opinião pública.

6. O papel das massas: as massas se fazem muito importantes em todo regime totalitário, afinal são elas que sustentam o regime. Apesar de os demais animais unidos serem capazes de lutar contra o regime de Napoleão, não o fizeram, pois o regime os manipulava para aceitar as condições e trabalhar. Assim, o privilégio dos porcos era garantido. Em outras versões do livro, existe a revolta contra os porcos, mas esta só ocorre quando a situação de exploração chega ao limite. Talvez, se tivessem raciocínio e capacidade de comparar a qualidade de vida do passado e do presente, semelhante à dos porcos, eles não seriam tão explorados como foram, e quiçá Sansão, o cavalo de tração que representa o trabalhador ou operário, ainda estivesse vivo ao final da obra. Este episódio nos faz pensar que, mesmo Sansão tendo toda a força para acabar com o regime de Napoleão, não foi capaz de perceber como estava sendo traído e, por isso, foi manipulado a trabalhar cada vez mais, vivendo em condições horríveis enquanto os porcos desfrutavam de um luxo sem igual.

7. A banalidade do mal: é fato para a maioria dos leitores que o assassinato de Sansão é um dos episódios mais tristes da obra. Ele sacrificou várias horas de sua vida para trabalhar e servir o regime de Napoleão e, mesmo assim, foi descartado. Isso faz parte da essência deste tipo de regime: transformar os funcionários em meras máquinas que, após quebrarem, são substituídas por outras, ou seja, os desumanizando.

8. A política do terror: assim como podemos perceber nos regimes totalitários e, conforme demonstrou Arendt (2012), a constituição de uma política de guerra e da constante sensação de perigo eminente permite ao líder totalitário construir uma imagem positiva e de segurança diante da população. Evidenciamos isso na obra de Orwell em diversos momentos. Trata-se de uma tática de Napoleão, que usa o medo que os animais possuem dos humanos para extrair deles toda confiança que precisa para praticar atos de brutalidade e de banalização do mal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de a obra “A Revolução dos Bichos” ser uma sátira em que os animais decidem se rebelar contra seu dono, expressando uma metáfora importante para representar a mobilização coletiva pouco praticada atualmente, Orwell consegue

retratar bem e fazer duras críticas aos regimes políticos autoritários e totalitários. É possível que, se tivesse publicado o livro durante a Segunda Guerra Mundial, poderia desencadear uma onda de revolta por parte da URSS, que lutava ao lado dos aliados. Em paralelo, na obra “Origens do Totalitarismo”, Arendt menciona que iniciou uma “conversa” sobre o totalitarismo, destacando que o tema não se encerrou neste livro. Entretanto, suas contribuições são fundamentais para as reflexões e discussões acerca deste tema.

Por fim, tendo em vista as possibilidades de reflexão oferecidas pelas obras de Orwell e Arendt, gostaria de listar duas vias de combate e prevenção ao Totalitarismo, a saber: a comunicação – vimos, de fato, que a comunicação é algo muito importante, pois é com ela que estabelecemos pensamento crítico e reflexivo sobre determinado assunto e ela também oferece a possibilidade de se organizar e lutar contra determinada situação. O regime totalitário isola os indivíduos para que não se comuniquem e não se organizem, assim quem pensa e critica por ele é o regime. Arendt (2012) diz que os indivíduos, isolados, se tornam fantoches, isso é fato. Contemporaneamente com a introdução de novas tecnologias versáteis, a maneira como nos comunicamos também mudou. Somos capazes de acessar diversas informações em pouco tempo e de se comunicar com pessoas de outras localidades sem estar presente. Porém, em contrapartida, uma nova ferramenta de controle social surge, e afeta as pessoas: as *fake news* (notícias falsas) e o modo de funcionamento do algoritmo que isola as pessoas em “bolhas”.

A segunda via é a educação – bem no início da revolução, Bola de Neve se compromete a alfabetizar os animais. Em contrapartida, Napoleão não participa, diz que é perda de tempo tentar ensinar às gerações passadas. Sobre este trecho, podemos resgatar o que Arendt (2012) diz: “[...] é característico do regime totalitário difundir sua ideologia e ideias para as próximas gerações através da propaganda e principalmente pela educação, é por meio dela que a concepção de mundo é criada e indivíduos obedientes ao Estado surgem”. Por esse motivo, é necessário que o pensamento crítico seja desenvolvido. Portanto, as aulas de filosofia e sociologia são boas contribuintes, pois permitem o questionamento sobre o mundo, a vida, a sociedade e, principalmente, sobre as instituições.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad.: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FRY, K. A. **Compreender Hannah Arendt**. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

HITCHENS, C. Posfácio: repensando A revolução dos bichos. *In*: ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OLIVEIRA, L. A. FREITAS, O. A linguagem do regime totalitarista no livro “A revolução dos bichos”. **Caderno Virtual**, IDB, v.1, n. 40, 2017.

ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REIS, P. C. Totalitarismo: um novo regime (a)político? **Revista Estudos Filosóficos**, São João del-Rei-MG, n. 9, p. 29-43, 2012.

SOUZA, R. L. Hannah Arendt e o totalitarismo: o conceito e os mortos. **Politeia: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v.7, n.1, p. 243-260, 2007.